

POÉTICA DO TEMPO: A REPRESENTAÇÃO DO TEMPO NA ESTÉTICA DIGITAL.

Thiago Guimarães Azevedo
azevedo_thiago@yahoo.com.br
<http://lattes.cnpq.br/1449970976174710>

Desde os pré-socráticos, a relação tempo e espaço tem sido fruto de diversas reflexões e elas se tornam mais complexas com a chegada da modernidade, através dos avanços tecnológicos nos transportes e nas comunicações e com isso, o sujeito moderno vê seu mundo modificar de forma bastante contundente e sua relação com o tempo e espaço também se altera.

Para o desenvolvimento deste trabalho, faz-se uma breve reflexão – através de pesquisa bibliográfica, sobre essas transformações e como a percepção do sujeito pós-moderno se transforma por conta dessa proximidade com a máquina, a evolução da técnica e as modificações no espaço urbano até a chegada da pós-modernidade e o estabelecimento do ciberespaço.

O sujeito moderno

A modernidade representa modificações no modo como o sujeito passa a compreender o mundo, que se torna cada vez mais fugidio e efêmero. Conceitos como tempo e espaço modificam-se e o indivíduo moderno vive ao mesmo tempo, a angústia do presente e a expectativa de um futuro depositado no progresso a partir da industrialização e a evolução tecnológica.

Entende-se a modernidade, segundo Harvey (2007), como uma ruptura com o passado, de uma sociedade pré-moderna, ou seja, vivenciar um ambiente novo de construção e destruição, através do realinhamento das ideologias, do encurtamento das distâncias e variabilidade do tempo. Com isso, o sujeito moderno vive um conflito paradoxal de sua identidade que se torna fragmentária, contraditória e virtualizada.

Se a vida moderna está de fato tão permeada pelo sentido do fugidio, do efêmero, do fragmentário e do contingente, há algumas profundas conseqüências. [...], a modernidade não pode respeitar sequer o seu próprio passado, para não falar do de qualquer ordem social pré-moderna. A

transitoriedade das coisas dificulta a preservação de todo sentido de continuidade histórica. (HARVEY, 2007, p. 22)

Porém, Habermas (2004), fala que a modernidade não está restrita a um tempo específico como querem estabelecer alguns teóricos, mas um espírito que está presente em várias épocas sedenta por novos tempos, no fechamento de ciclos para o início de novos.

Esto significa que el término aparece en todos aquellos períodos en que se forma la conciencia de una nueva época, modificando su relación con la antigüedad y considerandose a un modelo que podía ser recuperado através de imitaciones. (HABERMAS, 2004, p. 54)

A mudança na percepção de tempo e espaço na modernidade representou para o sujeito moderno a crise nas identidades, pois, o sentido de pertencimento a partir do espaço geográfico se “desterritorializa”, em virtude das transformações na forma deste sujeito se locomover e se comunicar, portanto, por conta dos avanços da técnica, a humanidade ficou diante de um mundo completamente novo e com isso, as distâncias e o tempo se tornaram relativos, frutos de pontos de vistas, ao mesmo tempo em que as identidades também foram marcadas pelos fluxos de mudanças, tornando-se fluidas¹.

A modernidade, segundo Elias (1998) – diferente da Antiguidade – desenvolveu a necessidade de medir o tempo, com isso, o tempo segundo o autor, possui duas dimensões, física e social, ou seja, não existe um único modo de compreender essa relação temporal do mundo, mas diversas, uma delas é através da compreensão social, na forma como cada sociedade lida com os ciclos da vida individual e em sociedade.

Através das doutrinas de igualdade, liberdade, fé na inteligência humana e a razão universal, Harvey (2007, p. 23) vê a destituição de certos paradigmas que foram estabelecidos pelo mundo pré-moderno, a partir da dominação da ciência, da natureza e da razão que abriram um novo horizonte para a humanidade, antes dominada pela dicotomia da verdade e mentira estabelecidas pela religião ocidental. Habermas (2004) afirma que a modernidade traz uma nova consciência a partir do melhoramento social e

1 BAUMAN (2005)

moral e através da racionalização por meio do Iluminismo, marcado pela metafísica Descartiana – “*cogito ergo sum*” – o sujeito moderno, poderia se sentir livre para seguir seu próprio caminho e construir sua própria identidade.

Nesse caminho, as formas de representação do homem também mudam e a arte, antes vista como objeto de culto e condicionada ao sítio dos templos, passa a adquirir aproximação com a vida cotidiana. Nesse sentido o sujeito moderno estava embriagado pela

[...] extravagante expectativa de que as artes e as ciências iriam promover não somente o controle das forças naturais como também a compreensão do mundo e do eu, o progresso moral, a justiça das instituições e até a felicidade dos seres humanos.(HARVEY, 2007, p. 23)

Entretanto, essa visão aparentemente otimista da modernidade, como o apego ao progresso industrial, desenvolvimento das metrópoles através dos transportes e comunicação, apresentam algumas contradições, como a lógica de que essa perspectiva sobre a ruptura, ou uma superação com o passado, leva a crer que algo está arcaico e há vencedores e perdedores², quando na verdade a modernidade representa também o fim.

Quando se fala em fim, não no sentido de extermínio, mas de fechamento de um ciclo e reabertura de outro, com novo sentido e novas semânticas, no caso da arte, ela perde a função aurática como foi explanado por Benjamin (1994), e ganha o mundo, sendo utilizada pelas mídias de massa e a supervalorização da técnica. Isso fez com que a própria representação do tempo modifique.

O tempo na modernidade

2 LATOUR (1994)

Tempo e espaço na modernidade deixam de ser coordenadas representativas e se tornam percepções simbólicas, Kant (1724-1804) relata em A Crítica da Razão Pura, que essas representações não são construídas sem que haja um processo intuitivo, fruto de nossa sensibilidade *a priori*³. Essa relação estabelecida por Kant já representa as mudanças na forma como são constituídos tempo e espaço com o advento da modernidade, visto que como fora dito, significou a transformação não apenas no sentido do progresso tecnológico, mas na forma como o sujeito-moderno passa a se entender como entidade do tempo.

Essa “compressão espaço-tempo⁴” reestrutura a forma do sujeito moderno de se ver como uma nova entidade diante das transformações nas cidades e na sociedade moderna, que passam a viver contrastes cada vez mais latentes entre urbano e rural, artesanato e indústria, classe operária e classe burguesa e nesse contexto, as pessoas passam a correr mais e se aproximar mais, através do transporte e da comunicação. Porém, há a celebração do efêmero, que se torna presente na vida moderna, tudo se torna passageiro, fluído, fugidio, conforme explana Benjamin (1994), ao relatar sobre o suicídio como ato do herói moderno a partir de Balzac e Baudelaire. Morte esta que representa o lançar-se na obscuridade da vida moderna, com isso, ver-se preso ao redemoinho das dicotomias provenientes das desconstruções nesse tempo.

A modernidade como negação do passado, altera e reconfigura a memória e as narrativas, para reescrever o tempo e a história, com isso, não se pode mais contar o tempo na perspectiva cronológica do relógio, mas passa-se a vê-lo como fruto da experiência intuitiva *a priori* de cada ente moderno. Ou seja, a perda da aura da obra de arte na era da técnica⁵ significa também uma mudança significativa no entendimento e na representação de tempo e espaço na modernidade, e a partir do cinema e da fotografia,

3 Poder-se-á haver um conhecimento tal, independente da experiência e de todas as impressões dos sentidos. Denomina-se *a priori* esse conhecimento e distingue-se do empírico, cuja origem é *a posteriori*, ou seja, na experiência (KANT, 2005, p. 44)

4 HALL (2011, p. 69)

5 BENJAMIN (1994)

há uma relação constante com o virtual, próximo, fugidio e efêmero, porque o sujeito moderno não está mais fixo em seu tempo e espaço precisando ser rapidamente substituído, alterando assim o conceito de eternidade.

Se o modernista tem de destruir para criar, a única maneira de representar verdades eternas é um processo de destruição passível de, no final, destruir ele mesmo essas verdades. E, no entanto, somos forçados, se buscamos o eterno e imutável, a atentar e a deixar a nossa marca no caótico, no efêmero e no fragmentário. (HARVEY, 2007, p. 26)

A aceleração da vida a partir da evolução das cidades em seu espaço urbano faz com que o sentido de tempo seja acelerado e acentue ainda mais a negação ao passado, reformulando assim as narrativas e com isso, “o trem elétrico e o automóvel concedem a instantaneidade, dilatando o espaço; o telefone sobrepuja o tempo, suplantando os meios tradicionais de comunicação⁶”.

Os espaços representam a mudança não apenas na geografia como lugar físico e estanque, mas o sentimento de pertencimento e construção das identidades do sujeito moderno, porque toda relação tempo e espaço, se estrutura e desestrutura no sentido de um sujeito que se modifica e se fragmenta com o correr da modernidade. Tudo em sua volta tende a mudar. O sujeito e sua forma de entender o seu tempo também.

As sociedades modernas são, portanto por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. [...] Mais importantes são as transformações do tempo e do espaço e o que ele chama de “desalojamento do sistema social” – a “extração” das relações sociais dos contextos locais de interação e sua reestruturação ao longo de escalas indefinidas de espaço-tempo. (HALL, 2011, p. 15)

Quando Einstein inaugura a Teoria da Relatividade, mostra que a percepção do tempo sofre com o problema da representação, pois não há como saber em qual tempo realmente está. Como estabelecer uma atualidade, sendo esta sujeita a percepção do indivíduo moderno? Nesse sentido, conforme afirma Harvey (2007, p. 27), a eternidade e

6 SEIDEL, 2001, p. 23

a imutabilidade não serviam mais como pressupostos, com isso, a arte moderna tinha como princípio fundamental, definir qual era a verdadeira essência da humanidade.

Logo, para compreender o tempo, era preciso destruí-lo, torná-lo efêmero, fugaz, Harvey (2007) chama de “destruição criativa”, Benjamin (1994) fala do suicídio na obra de Baudelaire e Balzac, como a poética do herói moderno, que vê a modernidade como a efemeridade da vida e com isso tudo nela é passageiro e fragmentado.

Como Baudelaire logo percebeu, se o fluxo e a mudança, a efemeridade e a fragmentação formavam a base material da vida moderna, então a definição de uma estética modernista dependia de maneira crucial do posicionamento do artista diante desses processos. (HARVEY, 2007, p. 29)

O prolongamento dessa concepção de tempo, para Bergson (2006, p. 52), estava associado ao conceito de continuidade, ou seja, aquilo que “com ou sem razão, estar concomitantemente em nós e fora de nós” e simultaneidade que “seria precisamente a possibilidade que dois ou mais acontecimentos teriam de entrar numa percepção única e instantânea”. O que Bergson (2006) estabelece para o tempo, a partir da memória, Elias (1998) defende que esta particularidade do tempo não é vista apenas na sua relação simbólica e representativa, entretanto, se dá nessa apreensão dele por meio das relações sociais e culturais, ou seja, esta percepção do tempo se transforma de acordo com as modificações da sociedade.

Se Einstein julgava o tempo relativo pautado em propriedades da física⁷, Bergson (2006) afirma que essa relativização se dá em virtude de uma consciência que “se sente durar⁸”, ou Elias (1998) que afirma que isso acontece dentro de sistemas culturais e sociais que é interno a cada cultura e apreendido a partir de um processo educacional, ou seja, a percepção de tempo corrobora com o que dizia Kant (2005) quando afirma:

O tempo nada mais é do que a noção do sentido interno, ou seja, da intuição de nós mesmos e do nosso estado interior. Objetivamente, o tempo não pode ser uma determinação de fenômenos externos. Não

7 RAY (1993)

8 BERGSON, 2006, p. 53

pertence a uma figura ou a uma posição etc., determinando antes a relação das representações no nosso estado interno. (KANT, 2005, p. 75)

Essa percepção de tempo moderno, atrelada à fragmentação das identidades do sujeito, juntamente com o sentimento do novo, para Habermas (2004) representa a rebelião contra a tradição, contra a função normalizadora que estrutura a sociedade pré-moderna, ou as que ainda não haviam dado seu brado ao espírito do novo tempo.

O sujeito pós-moderno

Se a modernidade representou a superação do passado através do aço, da fábrica, do automóvel, da funcionalidade da arquitetura e da arte, das telecomunicações e da luz elétrica, Nazario (2008, p. 24) indaga em que exatamente a pós-modernidade superou a modernidade se ainda vive como “um fantasma que passeia por castelos modernos”?

Enquanto o espírito moderno representava a superação do passado e otimismo diante do novo, este marcado pela evolução das máquinas, das indústrias acelerando o tempo e dilatando os espaços, Lyotard (1990, p. viii) afirma que a pós-modernidade representa a “incredulidade perante o metadiscurso filosófico metafísico com suas pretensões atemporais e universalizantes”.

Um dos sintomas do mundo pós-moderno, segundo Nazario (2008, p. 24) seria “o chip, saturação, sedução, niilismo, simulacro, hiper-real, digital e desreferenciação”, ainda acredita-se aí a virtualização e Lyotard (1990) também afirma que este seria um tempo pós-industrial, pois o que se caracteriza neste momento é a informatização do conhecimento.

Como negação a um momento antecessor, a pós-modernidade se relaciona a partir de três fenômenos: “rejeição dos ideais humanistas herdados do Iluminismo; deslocamento do interesse universal para o particular; substituição da cultura escrita pela

cultura audiovisual⁹”, porém, se a modernidade representa uma ruptura total com o passado, a pós-modernidade, segundo Lemos (2003), faz uma “apropriação do passado”.

A arte pós-moderna vai se diferenciar dos movimentos do alto modernismo por preferir formas lúdicas, disjuntivas, ecléticas e fragmentadas. A arte vai servir aí como parâmetro, exprimindo o imaginário da pós-modernidade, não se estruturando mais na paródia (o escárnio do passado), mas no pastiche (a apropriação do passado). A única possibilidade, já que tudo já foi feito, é combinar, mesclar, reapropriar. (LEMOS, 2003, p. 212)

Sobre essa superação da modernidade, Nazario (2008, p. 24) questiona sobre o pós-modernismo ser na verdade, apenas uma “mistificação ideológica”, para apenas dar uma idéia de avanço, quando na verdade nem todo aparato tecnológico desenvolvido até então haviam libertado o homem do “trabalho alienado” ou “substituíram as relações reprodutivas por relações eróticas”. Por outro lado, Harvey (2007, p. 45) afirma que a pós-modernidade é a parte de uma “lenta transformação cultural das sociedades ocidentais” uma mudança na sensibilidade destas sociedades.

Porém Nazário (2008) ainda argumenta de forma mais contundente:

O conceito de “pós-moderno” só faz sentido como utopia negativa, isto é, se o seu prefixo for entendido não como superação dos males da modernidade (a despeito do sentido positivo que o conceito de “moderno” também carrega), mas como superação negativa do sentido negativo do fenômeno observado à luz da teoria crítica. (NAZÁRIO, 2008, p. 25)

Na modernidade, viveu-se a fragmentação do sujeito e o individualismo, na pós-modernidade segundo Lyotard (1990) e (2004), o sujeito pós-moderno compreende ao pluralismo, hedonismo e a informatização do saber, logo, este sujeito vive um estado de virtualização. Com isso, se na modernidade há uma aceleração do tempo e espaço, na pós-modernidade estes dois elementos existam em estado de suspensão a partir de novas realidades no universo virtual¹⁰ dando a eles o estado de simultaneidade.

9 NAZARIO (2008, p. 24)

10 LÉVY (1996)

Essa diferença entre moderno e pós-moderno, numa relação de conflito, de síntese e antítese das coisas, mostra ainda mais a complexidade existente na fragmentação do sujeito que na modernidade foi motivado pelo Iluminismo ao negar os antigos paradigmas, na pós-modernidade ele não os nega, mas os reconfigura, tornando-os, mais fluídos, como se pode ver no esquema descrito por Harvey (2007, p. 48).

Tabela 1 Diferenças esquemáticas entre modernismo e pós-modernismo

Modernismo	Pós-modernismos
Romantismo/simbolismo	Parafísica/dadaísmo
Forma (conjuntiva, fechada)	Antiforma (disjuntiva, aberta)
Propósito	Jogo
Projeto	Acaso
Hierarquia	Anarquia
Domínio/logos	Exaustão/silencio
Objeto de arte/obra acabada	Processo/ <i>performance</i> / <i>happening</i>
Distância	Participação
Criação/totalização/síntese	Descrição/desconstrução/antítese
Presença	Ausência
Centração	Dispersão
Gênero/fronreira	Texto/intertexto
Semântica	Retórica
Paradigma	Sintagma
Hipotaxe	Parataxe
Metáfora	Metonímia
Seleção	Combinação
Raiz/profundidade	Rizoma/superfície
Interpretação/leitura	Contra a interpretação/desleitura
Significado	Significante
<i>Lisible</i> (legível)	<i>Scriptible</i> (escrevível)
Narrativa/grande <i>histoire</i>	Antinarrativa/ <i>petite histoire</i>
Código mestre	Idioleto
Sintoma	Desejo
Tipo	Mutante

Genital/fálico	Polimorfo/andrógino
Paranoia	Esquizofrenia
Origem/causa	Diferença-diferença/vestigio
Deus Pai	Espírito Santo
Metafísica	Ironia
Determinação	Indeterminação
Transcendência	Imanência
Fonte: Hassan apud Harvey (2007, p. 48)	

Esse esquema mostra as contradições existentes entre os dois momentos, conforme Lyotard (1990), a pós-modernidade representa um salto na técnica desenvolvida na modernidade, com uma sociedade cada vez mais tecnológica, as noções de tempo e espaço, são cada vez mais fluídicas, habitando no campo do etéreo e da linguagem.

Virtualização do tempo ou tempo virtual?

Compreender o tempo na pós-modernidade é imergir no universo virtual, ou seja, é fazer um “movimento que torna contingente o espaço-tempo ordinário abre novos meios de interação e ritmo das cronologias inéditas¹¹”. Ou seja, este tempo virtual, é como o rio que é sempre novo, nunca se repete.

Por virtualização entende-se como o criar outra realidade, que não significa “desrealizar-se¹²”, mas configura-se no aprofundamento das fragmentações das identidades analisadas por Hall (2011). Porém, em Lévy (1996), a virtualidade se opõe a atualidade a partir do deslocamento e mutação destas identidades.

11 LÉVY (1996 p. 22)

12 Idem

Com a criação de comunidades ou da realidade virtual, o sujeito pós-moderno pode estabelecer o que Bergson (2006) define por “simultaneidade”, sendo que há dois tempos existentes, o abstrato atuante no campo virtual e o concreto utilizado pelo usuário da interface, que na verdade ele estabelece é o conflito entre tempo real e instante, o que para Lévy (1996) seria virtual e atual. Em Bergson (2006), o tempo real não estabelece o instante, pois este é referente de um ponto matemático, entretanto, sem o tempo real, o ponto não seria mais que ponto, portanto não haveria o instante.

Essa virtualização do tempo já ocorre antes mesmo da interferência das interfaces do computador, Bergson (2006, p. 60) chama de “desenrolar do tempo”, é o movimento independente do corpo, neste caso, a rotação da Terra, que nos transporta para uma consciência de passagem do tempo, mas não é interior a nós, é virtual, porém, não deixa de ser um sentido *a priori* do tempo.

O mesmo se dá com o espaço, que desde a modernidade vem sendo transformado por conta do desenvolvimento dos transportes, este encurtamento das distâncias torna-se cada vez latente através da Internet, que modificou a forma do ser humano entender suas fronteiras e com isso, tornou o espaço móvel e modulado, além de simultâneo, pois ele passa a residir dentro de si mesmo, num processo paradoxal e infinito¹³.

Portanto, quando há o ato de se virtualizar, não significa que se está num ato de “não-presença¹⁴” – levando em conta que o virtual é outro nível de realidade, então, esse ato representa uma desterritorialização, como diz Lévy (1996), o espaço físico ou geográfico e a temporalidade do relógio ou calendário de desconecta do universo concreto e se torna uma abstração.

As narrativas se transformam, fruto de uma consciência coletiva, partes virtuais que se interconectam e – de forma subjetiva e intuitiva *a priori*, estabelecemos sua

13 CASTELLS (2003)

14 LÉVY (1996, p. 21)

duração, Bergson (2006) afirma que essa duração implica, portanto consciência; e pomos consciência no fundo das coisas pelo próprio fato de lhes atribuirmos um tempo que dura. Entretanto, essas narrativas que atuam no campo virtual, são colocadas à prova na perspectiva de Lévy (1996), pois estão desterritorializada, é um tempo sem lugar. A sincronização substitui o lugar e a interconexão, o tempo.

A comunicação entra em um novo nível, pois foi se estabelecendo através do tempo pela tradição oral e escrita, agora ela se estabelece através das mídias audiovisuais, nas redes digitais e mais recentemente, através das conexões móveis. Lemos (2004) afirma que a mobilidade através das conexões sem fio está redefinindo o conceito de tempo e espaço.

A virtualização não se dá apenas no campo do ciberespaço, pois antes de ser um local, é linguagem e segundo Lévy (1996), para haver virtualidade, é preciso haver linguagem, pois são elas que relativizam “o tempo real, as coisas materiais, os acontecimentos atuais e as situações em curso¹⁵”. A linguagem desintegra o presente absoluto e desenvolvem na memória coletiva e na consciência, dois campos, o tempo e o fora-do-tempo, por conta do realinhamento das narrativas. Pois até mesmo o código binário – existentes nos hipertextos, são forma de linguagem, são narrativas.

Outro problema existente na virtualização, é que em ela também é vista como um processo de fuga contra a fragilidade da vida e das contrariedades da atualidade, nela o sujeito procura estabelecer controle e segurança, Lévy (1996) argumenta que a arte representa um questionamento contra essa tendência.

A virtualização, em geral, é uma guerra contra a fragilidade, a dor, o desgaste. Em busca da segurança e do controle, perseguimos o virtual porque nos leva para regiões ontológicas que os perigos ordinários não mais atingem. A arte questiona essa tendência, e portanto, virtualiza a virtualização, porque busca num mesmo movimento uma saída do aqui e agora e sua exaltação sensual. (LÉVY, 1996, p. 79)

O ciberespaço e a superação de tempo e espaço

15 LÉVY (1996, p. 73)

Através da evolução da técnica a partir da fotografia e do cinema, a comunicação passou a sincronizar suas linguagens e buscou novos meios de tornar essa sincronização mais eficiente. Com isso, as máquinas passaram a sincronizar também suas funções para dar mais mobilidade e velocidade ao sujeito pós-moderno e neste ponto, vemos a Cibercultura antecedida pela evolução das mídias a partir da cultura de massas¹⁶. Mas bem antes de chegar à ideia de um Ciberespaço, antes, houve a evolução das mídias de massa nas linguagens como Jornais, com o surgimento do Jornal impresso, graças à litrografia, já analisadas por Benjamin (1994) sobre a evolução das técnicas e posteriormente a fotografia, cinema e TV, com isso, a ideia de massa e consumo passou a adquirir novos parâmetros e também a percepção de tempo e espaço, passou a ser modificada.

Além das mídias já citadas, há também as que Britto (2009) aponta, como telégrafos, telefones, rádios, linhas de distribuição de jornais e livros, rede de telégrafos, cabos de telefone, antenas de rádio, satélites para emissão de TV. Ele aponta que todas essas inovações proporcionam o processo de constituição do Ciberespaço. Porém é na digitalização que se encontra a base para o desenvolvimento da Internet, conforme aponta Britto (2009):

É que a digitalização está na base de toda a capacidade de processamento de informação pela máquina. As palavras, os sons, as imagens, todo o acervo simbólico constituído pelo ser humano pôde, desde então, ser reduzido a meros 0/1, aberto/fechado, através da infinidade de suas combinações. O digital é a “linguagem” decisiva, revolucionária, para “codificarmos” praticamente tudo para a “máquina”. (BRITTO, 2009, p. 130 e 131)

A digitalização – como explica Santaella (2003), consiste em dividir grandezas em pequenas frações em intervalos regulares e com isso atribuir-lhe um código informático sob forma binária, para isso se utilizam dois números, 0 e 1, também chamados de *bits* de

16 SANTAELLA (2003)

informação, que pode ser armazenado em outras mídias como CD-ROMs, Pen Drivers, ou mesmo no *HardDisk* (Disco Rígido ou HD) do computador.

Com a redução das informações, possibilitou, por exemplo, uma biblioteca inteira ficar disponível em um mero CD-ROM, ou mesmo habitar num ambiente virtual como a internet, porém, essa concepção em torno do ciberespaço segundo Rüdiger (2002, p. 9) não pode se restringir apenas a questões de “necessidades econômicas (mediatas) e militares (imediatas)”, nem mesmo ser visto com certo messianismo como o autor acima critica em determinadas correntes ideológicas, como ele mesmo aponta:

O ciberespaço é visto em certos meios como “o paraíso pós-moderno, onde podemos esquecer as dores de nossas vidas, através da presença total de uma chamada absoluta, tornada possível pela virtualização inapelável da realidade”. (RÜDIGER, 2002, p. 10)

A história da Internet – ou o próprio Ciberespaço, remonta ao período chamado de Guerra Fria, Castells (2003) conta que foi a partir do sistema chamada Arpanet, criado em 1969, era uma micro rede de computadores montada pela Advanced Research Projects Agency (ARPA) e o principal objetivo deste sistema era “permitir vários centros de computadores e grupos de pesquisa que trabalhavam para a agência compartilhar on-line tempo de computação”, p. 14.

Também nos anos 60, Santaella (2003) aponta para outras tentativas de serviços de informação distribuídas em rede, como no caso da França, com o uso da “fibra ótica e o vídeo fone de Biarritz” p. 85, todavia, mesmo sendo pioneiros, estes sistemas não apresentavam a estabilidade necessária para manter-se como um padrão de uma nova comunicação.

A Arpanet estabelece a lógica daria as bases para o desenvolvimento da “World Wide Web” (WWW), mas antes disso, nos anos 80 com a obsolescência da Arpanet, o departamento de Defesa dos EUA, resolve particionar o sistema criando assim a MILNET, para fins exclusivo dos militares e a ARPA-INTERNET, utilizada para pesquisas, porém, como aponta Castells (2003), nos anos 90, o governo dos EUA resolve liberar a Internet de seu ambiente militar e a coloca em domínio público, sendo logo em seguida privatizada

pela National Science Foundation (NSF), criando a NSFNET, que em 1995 foi extinta, deixando livre o caminho para as operações privadas da Internet com o surgimento dos diversos provedores de serviço.

A *www* foi desenvolvida pelo programador inglês Tim Berners-Lee, que desenvolveu um software¹⁷ que permita obter ou acrescentar informações à qualquer computador conectado à Internet e em 1990, junto com Robert Calliau, construíram o primeiro programa navegador/editor chamado *world wide web*.

A internet para uso da população tem como marco o ano de 1995. Britto (2009) aponta que em 2003, o ciberespaço contava com 676 milhões de usuários e 233 milhões de páginas disponíveis e no ano de 2011¹⁸ esse número foi de 2,1 bilhões de usuários de acordo com o relatório do Pindgdom, onde o maior número de internautas se concentra na Ásia com 922,2 milhões de usuários e as menores concentrações ficam na Oceania/Austrália com 21,3 milhões de usuários. O número de correios eletrônicos (e-mails) chegou a 3,1 bilhões e número de páginas era de 555 milhões, sendo que 300 milhões, criadas somente no ano de 2010. Apesar desses números apresentados, não se pode ignorar o que diz Britto (2009), sobre a relação entre conexão e desigualdade social:

No entanto, é inescapável afirmar que a desigual distribuição de conexão no mundo faz também com que o impacto cultural da Internet não possa ser generalizado, mas precisa sim ser visto à luz da realidade de cada país e, dentro dele, através da distribuição de conexão pelas regiões. Isso já é uma característica do que podemos chamar de cibercultura: ela tem traços gerais, mas precisa ser vista na sua relação com uma sociedade concreta. (BRITTO 2009, p. 133)

O ciberespaço evoluiu saltando do computador para os celulares e com isso ampliou mais sua rede de relações, sendo incorporado definitivamente nesta nova teia de comunicação em rede, através dos sites de relacionamento, redes sociais e aplicativos

17 s.m. (pal. Ing.) Conjunto de instruções armazenadas em disco(s) ou em chips internos do computador que determinam os programas básicos, utilitários ou aplicativos, que ele tem para serem usados. ([HTTP://www.dicio.com.br/software](http://www.dicio.com.br/software))

18 [HTTP://tecnologia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2012/01/18/internet-atinge-21-bilhoes-de-usuarios-no-mundo-em-2011-aponta-consultoria.jhtm](http://tecnologia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2012/01/18/internet-atinge-21-bilhoes-de-usuarios-no-mundo-em-2011-aponta-consultoria.jhtm)

que reconfiguram o tempo e o espaço, possibilitando aproximações no distanciamento. Esse novo processo de relação com a máquina e a rede, fez com que o sujeito pós-moderno migrasse sua forma de lidar com a vida e a virtualizasse. Seus processos econômicos (compra, venda e transações bancárias), trabalho, estudo e relacionamento com outras pessoas através da internet. Como afirma Rüdiger (2002)

Hoje em dia, a procura compulsiva do excesso e poderio parece cansada da experiência imediata, passando a seguir uma nova direção. As vanguardas tecnológicas voltaram seus faróis para a realidade virtual, e o fantasma de última hora que nos bate à porta atende pelo nome de *cyborg*, produto da preconizada fusão entre homem e máquina, vida e tecnologia. (RÜDIGER, 2002, p. 11)

O sujeito pós-moderno vive o conceito de mobilidade, que segundo Lemos (2004), é representado pelas conexões sem fio e torna o indivíduo onipresente e pode alcançar um novo nível de nomadismo, ele ainda afirma que esta é uma marcha ubíqua, pervasiva, senciente¹⁹.

As tecnologias móveis, [...] são vendidas na promessa de propiciar uma conexão a “qualquer hora” e em “qualquer lugar”, tanto através de voz ou dados. Os anúncios apresentam as tecnologias móveis como capazes de transcender as “limitações” geográficas e de distância, incluindo as diferenças geográficas nos locais de trabalho e demais atividades. (COOPER, GREEN, MURTAGH e HARPER apud LEMOS, 2004, p. 20)

Os espaços antes vistos como lugares estanques e fixos, tornam-se espaços fluxos, virtuais, efêmeros e propiciam uma nova geografia, segundo Castells (2003), pois não estão mais sujeitos as limitações dos distanciamentos, os instantes são simultâneos e com isso reconfiguram a percepção do tempo a partir da mobilidade do ciberespaço e das conexões móveis.

Estas mudanças nas linguagens cada vez mais sincronizadas e plurais modificam também as estruturas sociais, tornando-as mais “fluídas, com papéis menos rígidos e

19 LEMOS (2004, p. 18)

lugares sociais intercambiáveis que se aproxima em muito da forma social dos primeiros argumentos humanos²⁰”.

Cada forma de vida inventa seu mundo (do micróbio à árvore, da abelha ao elefante, da ostra à ave migratória) e, com esse mundo, um espaço e um tempo específico. O universo cultural, próprio aos humanos, estende ainda mais essa variabilidade dos espaços e das temporalidades. (LÉVY, 1996, p. 22)

Com isso, a cibercultura dá forma a um novo sentido de universalidade, que significa:

É a presença (virtual) da humanidade em si mesma. Quanto à totalidade, podemos defini-la como a conjunção estabilizada do sentido de uma pluralidade (discurso, situação, conjunto de acontecimentos, sistemas etc.). [...] Mas qualquer que seja a complexidade das modalidades, a totalidade ainda permanece no horizonte do *mesmo*. (LÉVY, 1999, p. 121)

Portanto, essa relação entre universal sem totalidades, faz com que afete o sentido de autoria, e a percepção quanto às obras tratadas nesse campo, se tornando “obras abertas”, não por conta apenas da multiplicidade de interpretações, mas a obra no ciberespaço torna-se imersa no universal vazio que representa a rede, neste sentido, habitam num outro sentido de espaço e tempo.

Considerações Finais

O tempo no ciberespaço caminha cada vez mais para o campo da virtualidade, visto que, a partir do desenvolvimento das comunicações móveis o sujeito pós-moderno habita em dois planos e redimensiona a vida para a fragmentação e a coexistência desses novos tempos.

Assim como foi nos tempos da modernidade, quando o espírito moderno era uma espécie de sentimento de salvação através do progresso, o sujeito pós-moderno encontra no mesmo âmbito, a salvação através da virtualização da vida, e o faz isso através do progresso da tecnologia e da comunicação.

20 Ibidem, p. 22

Essa relação do indivíduo com o ciberespaço e a mobilidade através das conexões sem fio, que relativizam o tempo e o espaço, faz com que o sujeito pós-moderno reconfigure sua estética e sua relação com a imagem e a forma como o constrói.

O mundo na virtualidade e sua relação com a imagem se tornam um simulacro, numa relação numérica binária, codificado e transformado, para utilização das interfaces, sejam elas estáveis como o PC ou os móveis como os celulares, tablets ou smartphones, segundo Lemos (2003), o referencial – através das imagens digitais, desaparece pela simulação matemática.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

BAUMAN, Zygmunt, *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: São Paulo, Brasiliense, 1994.

_____. *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*, São Paulo, Brasiliense, 1994.

BRITTO, Rovilson Robbi. *Cibercultura: sob o olhar dos estudos culturais*, São Paulo, Paulinas, 2009.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2003

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998

HABERMAS, Jürgen. *Modernidad: un proyecto incompleto* in CASULLO, Nicolás. *El debate modernidad-posmodernidad: edición ampliada y actualizada*, Buenos Aires, Retórica, 2004

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A, 2011

HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*, São Paulo, Edições Loyola, 2007

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1994

LE MOS, André. *Arte eletrônica e cibercultura* in MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (org.). *Para navegar no século XXI*, Porto Alegre, Sulina/Edipucrs, 2003

LÉVY, Pierre. Ciberultura, São Paulo, Ed. 34, 1999

_____. O que é virtual?, São Paulo, Ed. 34, 1996

LYOTARD, Jean-François. Qué era la posmodernidad in CASULLO, Nicolás. El debate modernidad-posmodernidad: edición ampliada y actualizada, Buenos Aires, Retórica, 2004

_____. O pós-moderno, Rio de Janeiro, José Olympio, 1990

KANT, Immanuel. A crítica da razão pura. São Paulo, Editora Martin Claret, 2005.

NAZÁRIO, Luiz. Quadro Histórico do Pós-modernismo in GUINSBURG, J.; BARBOSA, Ana Mae (org.). O Pós-modernismo, São Paulo, Ed. Perspectiva, 2008

RAY, Christopher. Tempo, espaço e filosofia, Campinas-SP, Papyrus, 1993

RÜDIGER, Francisco. Elementos para a crítica da ciberultura: sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias de comunicação, São Paulo, Hacker Editores, 2002

SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à ciberultura, São Paulo, Paulus, 2003

SEIDEL, Roberto Henrique. Do futuro do presente ao presente contínuo: Modernismo VS. Pós-Modernismo, São Paulo, Annablume, 2001

SOBRE O AUTOR

Mestrando em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes na Universidade Federal do Pará - UFPA, possui MBA em Marketing pela Universidade da Amazônia - UNAMA e graduação em Bacharel em Design com Habilitação em Produtos pela Universidade do Estado do Pará (2006). Tem experiência na área de Desenho Industrial, com ênfase em Desenho de Produto, atuando principalmente nos seguintes temas: design, educação do design, arte, tempo, marketing e ciberultura.